

# O Grupo de Cantares de Manhouce

Escreve o Prof. Insp. A. Gomes Beato

O «Grupo de cantares de «Manhouce» esteve no 4.º Festival Nacional de Folclore, no Algarve (Praia da Rocha), no dia 21 de Setembro, tendo sido televisionada a sua curta, mas bela, actuação que foi, no género, do melhor que ali se exibiu.

Devido à exiguidade do tempo, apenas foi permitido apresentar três canções, das seis que estavam programadas: «Lá vem o Vento da Noite» (cantar das desfolhadas ao luar e dos amores em segredo), «Se fores ao Rio Lavar» (cantar das lavadelras, no rio das águas límpidas, junto à ponte romana), «O' Meu Amor, Quando Fo-

res» (Desde o Séc. XVII, rapazes e homens vão para o Brasil e as noivas e esposas vestem de luto fechado até que eles regressem). Esta última foi anunciada, pelo locutor da Radiotelevisão como sendo «O' minha Pombinha Branca».

—«O' meu Amor Quando Fores» é uma das mais antigas e belas jóias do nosso cancionero e, por isso, escolhida para o encerramento da actuação, brilhando a grande altura a maravilhosa voz da solista do grupo professora D. Isabel Gomes Silvestre e a afinação dos instrumentos e vozes no que

*Continua na pág. 10*



## O Grupo de Cantares de Manhouce

(Continuação)

o orientador musical e ensalador sr. António Lourenço da Silva pôs toda a sua atenção e saber.

—O «Grupo de Cantares de Manhouce» ofereceu esta sua primeira actuação, a nível nacional, ao querido Povo de Lafões e à Associação Portuguesa de Folclore, que tem como muito digno Presidente o nosso ilustre conterrâneo de S. Pedro do Sul Dr. Carlos Matias que, conhecendo o alto valor nacional dos cantares de Manhouce, tudo fez para proporcionar a sua ida ao Algarve.

Manhouce, pela sua situação, pelo espírito Conservador do seu povo, pelo amor ao passado, pela sensibilidade e saudosismo profundo das suas almas marcadas pelos vastos horizontes da montanha agreste e do mar sem fim, é um manancial de folclore do mais castiço e do mais belo que há em Portugal.

Os seus velhinhos cantares a três vozes—«baixo», «por riba» e «raso»—com um intervalo de quintas que deve vir de um passado longínquo, difícil de encontrar noutros coros, têm raiz ali mesmo, naquela paisagem e naquela vida, são os cantares usados nos trabalhos do campo, nos serões, nas festas e romarias, sem da alma sem ensaios, sem arti-

ficialismos, genuínos como nasceram, como sempre se cantaram e agora se cantam.

Muitos ranchos têm vindo beber às cristalinas fontes de Manhouce e têm levado do seu vasto e maravilhoso cancionero belas jóias que depois apresentam como suas e têm procurado imitar os seus velhinhos e sempre belos trajos regionais, mas jámais cantarão como Manhouce canta, porque não são iguais as vozes da alma e o saudosismo profundo como ali fazem timbre, nem vestirão como Manhouce veste, porque lhes minguará ou diferenciará o jeito nativo do enfaixar da cinta, ou de colocar o lenço, aquele donaire e impressionabilidade no andar que a mulher de Manhouce possui e que lhe são tão naturais, tão ingéritos, que as imitações nunca lhe virarão a primazia.

Cada qual terá sempre consigo a marca que o seu meio ambiente lhe dá.

Há mais de quarenta anos Manhouce foi escolhida para representar a Beira Alta, que foi e será sempre o coração da Pátria, no Concurso da «Adeia mais Portuguesa de Portugal» e nos trajos e cantares foi a primeira. Porque será que agora tem andado tão esquecida das Associações e Direcções do Folclore e Cultura da nossa Província e da Nação?

a) António Gomes Beato